

## Timor-Leste, a guerra e as memórias delas

Teresa Cunha  
Universidade de Coimbra

### Introdução

Timor-Leste foi invadido e ocupado pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial. A ocupação japonesa representou cerca de 80.000 mortos e a escravatura sexual de milhares de mulheres timorenses. Antes da proclamação da independência em 28 de Novembro de 1975 tinha decorrido uma curta mas violenta guerra civil para, a 7 de Dezembro do mesmo ano, o território ser ocupado militarmente pela Indonésia durante 24 anos. Esta guerra de ocupação redundou em cerca de 200.000 mortos, um quarto da população total, deslocações maciças de pessoas, campanhas de esterilização de mulheres e repressão generalizada. A independência política foi restaurada em 2002, três anos após a destruição pelo fogo de 85% das infraestruturas materiais do país em Setembro de 1999, meio milhão de deslocados e cerca de 3 milhares de mortos (Robison, 2003). Desde então, a transição pós-bélica tem contado com inúmeros episódios de violência.

Nenhuma sociedade passa de forma indelével por qualquer guerra pois, para além do seu carácter traumático, da destruição, da privação, do medo e da morte sentidas e vividas por estas sociedades continua a considerar-se que os conflitos bélicos são coisas de e entre homens. Mais uma vez, a economia nacionalista mascara, de uma maneira particular, a participação das mulheres, meninas e velhas assim como aquilo que pode representar, especificamente para elas, uma longa e dolorosa experiência de guerra e *das espirais de violência* que dela resultam.

Quando os combates feitos com os tiros de morteiros e metralhadoras acabam isso não determina que outras guerras, cruéis e persistentes continuem, insidiosamente, a alimentar-se das muitas violências que existem escondidas quando se vê chegar aquilo a que se chama paz. Para muitas mulheres timorenses a *frente de batalha* foi a sua própria casa à qual se juntou a frente militar, propriamente dita, cada vez que o confronto foi inevitável. Esta experiência é comum a muitas mulheres que ficam expostas a situações de conflito violento. Nira Yuval Davis (1997: 95 *et seq*) explica como as estratégias de guerra usam de forma clara os géneros dando o exemplo da deslocalização da *battle front* para o espaço doméstico onde as mulheres costumam permanecer

passando este a constituir-se, nas palavras da autora numa *home front* na qual as mulheres são alvos, troféus, soldados ou obrigadas a funcionar como instrumentos de guerra. Argumento que estas são guerras que ocorrem em permanência, em espaços de difícil penetração, onde a defesa é quase impossível e a proteção muito difícil de obter porque são aquilo que pode estar mais próximo da ideia e da experiência de uma guerra infinita (Casimiro, 2004; Cunha, 2006; Moura, 2010). As guerras, dentro e fora de casa, antes e depois dos acordos de paz, as velhas e as novíssimas violências têm um papel considerável na maneira como as mulheres se pensam e pensam o seu lugar e estatuto, no acesso e usufruto do poder simbólico e político, assim como, na sua vulnerabilização (GAPI, 2002) e no tipo de violência que lhes é, particularmente, dirigida.

Contudo, a recitação sobre a guerra continua a ser feita sobretudo pelos homens e sobre os homens e o sofrimento das mulheres é somente ilustração, do bem maior que foi a *independência do povo*. O meu questionamento retórico é também epistemológico pois pretende contrariar as mitologias dos guerreiros: para sofrer e experimentar a guerra é preciso *ir à guerra*?

Este texto procura, num primeiro momento, discutir e criticar ausências e negligências das gramáticas coloniais que remanescem e resistem nos feminismos dominantes de matriz nortecêntrica. Através de uma análise feminista pós-colonial pretende-se contar a história de outra maneira, com enunciadoras, talvez inesperadas porque ainda subalternas, com outras geografias do conhecimento, outros nós de razão. É um marco feminista que se abre à crítica e à inconformidade que outros auditórios podem exercer sobre a busca epistemológica situada. Não se trata de tematizar sobre um período histórico ou sobre uma condição sociológica de quem um dia foi sujeito colonial mas, é sim, o exercício teórico e analítico que pensa para além de si e pressupõe múltiplos esforços de descentramento abrindo espaço a memórias outras e aos termos outros em que elas são narradas; é a busca de uma alteridade que vai muito além das divergências e similitudes. Assim, compreende-se que pós-colonial não é equivalente a pós-independência política das colónias e pode-se afirmar que tanto antes como depois em Timor-Leste se continuam a perceber e a manter mecanismos de desqualificação ontológica e sociológica das mulheres.

A partir deste marco teórico tematizo e problematizo a narração dos sofrimentos das mulheres que emergem das entrevistas em profundidade realizadas com algumas delas entre 2001 e 2009 em Timor-Leste para discutir três questões. Em primeiro lugar, perceber algumas peculiaridades das experiências de mulheres na guerra em Timor-Leste. Em segundo lugar, analisar como essa narração dos sofrimentos se transfigura num valor político e numa alavanca de reconhecimento público e legitimidade para decidir e governar (Silva, 2008) ou, pelo contrário, é percebida como improdutiva e negligenciada. Por fim procuro mostrar que há muito mais para

compreender do que os sofrimentos das mulheres e a sua vitimização. Pois nas guerras há várias versões de valentia e elas sabem e dizem-se heroínas pervertendo, com as suas racionalidades e imaginação sociológica, o nacionalismo viril e narcisista dominante que a independência política tem inscrito na memória coletiva do país.

Trata-se de uma escolha deliberada sobre autoras, discursos, narrativas e representações o que lhe confere interesse heurístico e teórico sem ambicionar qualquer generalização.

### **Teorizando a partir de uma hermenêutica feminista e pós-colonial**

Parece-me certo afirmar que também muitas teorias feministas continuam a estatuir-se e a proclamar-se como a medida certa e correcta da igualdade entre mulheres e homens reeditando sombras sobre outras experiências, racionalidades e sabedorias emancipatórias. Uma parte substancial das imagens de mulheres que são difundidas e naturalizadas, também por muitas feministas, continua a mostrar estas-criaturas-dos-mundos-ex-colonizados curvadas pelo trabalho, pobres e iletradas, incapazes e infelizes cercadas de crianças ranhosas e igualmente insolventes. Algumas que aparecem, excepcionalmente, escapando a este aparato de miséria são vistas como a prova existencial que os seus governos se podem empenhar pelo que está prescrito pela igualdade e emancipação das suas mulheres, mas que, a maioria delas, não consegue chegar mais longe do que à mera sobrevivência. Hoje, tal como antes, urge uma acção salvadora que, vinda de algures, as redimirá da sua persistente falha ontológica. É desta forma que o pensamento feminista veiculado em relatórios de agências internacionais de cooperação ou das Nações Unidas, organizações não-governamentais internacionais especializadas em assistência humanitária, mas também por alguns trabalhos de cariz académico<sup>1</sup> pode manter a presunção de que a maioria destas mulheres vive imersa na pobreza preocupada em sobreviver sem questionar as velhas e as novas ordens das coisas e da sua opressão. Esta espécie de femocracia que se vê a si mesma como um centro que irradia conhecimento e energia para as periferias preserva e reconstrói a ideia colonial que a maioria das mulheres-do-mundo-ex-colonizado-de-hoje precisam de ser libertas de si mesmas e das suas histórias para se emanciparem.

A constância da representação colonial actualiza-se regularmente quando a-maioria-das-mulheres-do-mundo-ex-colonizado são descritas como um todo ao qual se atribui um conjunto de características unificadoras e explicativas. A minha análise é que a operacionalização epistémica

---

<sup>1</sup> Ver as críticas elaboradas por Chandra Talpade Mohanty, Amina Mama, Ifi Amadiume entre muitas outras, ao carácter marcadamente norte-cêntrico de muitos trabalhos contemporâneos. Uma análise compreensiva desta questão pode ser lida em Cunha, 2014; 2015.

destas características dá-se, em primeiro lugar, pela recorrente vitimização que funda a sua leveza ontológica e existencial. As imagens negativas são muitas, poderosas, pungentes e prolíferas acerca do despojamento das identidades, subjetividades, capacidade ou agência dos seres assim postos diante de nós (Lazreg, 2005: 77). Em segundo lugar, elas existem num mundo aparentemente intemporal onde são a própria intemporalidade que se confunde com tradição e tradição com hábito, atávica e repetitiva irracionalidade. A colonialidade apresenta-as, quase todas, como se esperassem a inevitabilidade do seu estupro, a prostituição como natural actividade de sobrevivência e as suas qualidades são descritas como sendo a paciência e a quase mudez. O epítome é atingido na presunção da sua obediência pois que, mandadas calar, parecem ficar tão silenciosas que se tornam invisíveis tanto fora como dentro das suas casas. O *outro* do *outro* é a representação retórica possível de quem existe sem recursos, sem nomes, sem identidade e sem exegese (Gandhi, 1998: 110). Deste modo não é de espantar que persista a ideia de que a figuras insolventes correspondam narrativas impertinentes. Muitas mulheres continuam a ser desarmadas das suas palavras ou a sabê-las classificadas de impronunciáveis ou de incoerentes; mandadas calar através do esquecimento forçado das línguas maternas (Tzvetan, 1990: 153) têm permanecido alvos do desarme das suas gramáticas estéticas com que narram as suas vidas, conhecimentos e memórias.

É minha convicção que qualquer pensamento-conhecimento, incluindo o pensamento feminista, que não seja profundamente plurilógico, que não se inspire na sua própria pobreza, fragmentação e limitações está sempre pronto a dominar e a reduzir o outro à esfera da sua auto-suficiência e, por isso é, potencialmente, um pensamento etnocida (Khatibi, 2001: 76; Wiredu, 2003: 55). Proponho, pois, que a matriz de uma crítica feminista pós-colonial se alimente e se alicerce na energia, vitalidade, acção e sabedoria das mulheres que escolhem e alinham as palavras com que constroem as suas narrativas. Preside a esta crítica pós-colonial uma pragmática de resistência na qual predomina a lógica do matrimónio, que é a da criação de alianças e redes, em detrimento da lógica do património, que privilegia a propriedade e a exclusividade. Esta orientação teórica dá espaço a perguntas silenciosas e a subjectividades transgressivas (Santos, 2004: 44) que desocultam uma visão de feminilidade que não se esgota nas visões feministas dominantes no mundo contemporâneo e gera consciências e conhecimentos insurgentes das muitas mulheres-do-mundo-ex-colonizado (McFadden, 2000: 16; Padilha, 2002; Chow e Lyter, 2002: 52). Assim, argumento que as perspectivas pós-coloniais dos feminismos podem oferecer um pensamento subversivo que, tanto põe em causa os restos do império colonial ainda presentes no *sul*, como os interesses dominantes que, em boa medida, são os interesses dos homens do *sul*, ou de outro qualquer ponto cardeal.

## **As vozes e os silêncios sobre as guerras que também são delas**

O reconhecimento de que o *outro fala* e que essa fala é um discurso e uma narrativa, em outros termos e com outros termos, provável e parcialmente ininteligíveis para mim, é o primeiro gesto que torna possível um pensamento que engendra as possibilidades de uma abordagem pós-colonial. Estas memórias narradas estão tanto permeadas de silêncios, hesitações, dúvidas, mal-estares ao mesmo tempo como são vivas e herdeiras de muitas energias de antagonismo e resistência (Anderson, 2005; Ally, 2001; Nora, 2011). Elas são textos tão complexos e contraditórios como o são os seus contextos. É preciso reconhecer a dignidade da/do *outro* assim como a dignidade da *outra* narrativa que é criada pela sua alteridade e diferença (Dussel, 2000: 77). Este duplo reconhecimento obriga não apenas à assunção da incompletude de todos os conhecimentos mas também à procura resiliente de sentidos e sinais para os quais os meus instrumentos analíticos podem estar cegos ou, pelo menos, serem incapazes. Esta resiliência e esta busca pressupõe uma atenção intensa a racionalidades que lidam com a espiritualidade, a emoção, espaços e tempos que se definem através de outros ritmos, requisitos, historicidades, prioridades e entendimentos.

A textualidade das conversas de que a seguir apresento excertos são composições de palavras, silêncios, risos, choros, perguntas, exclamações, coros de vozes, canções e muitos ruídos de fundo, da rua e interiores. Durante oito anos, conversei, convivi e entrevistei dezenas de mulheres com dois perfis sociológicos principais: vendeiras de mercados informais ou de rua e líderes de associações populares de mulheres. Neste trabalho não pretendo realizar uma metonímia dos discursos sobre a guerra em Timor-Leste. O meu propósito é salientar, por um lado, como emergiram das falas destas senhoras estes temas; e, por outro, como lidaram discursivamente com estas suas memórias. Foi a sua agência e as suas subjetividades que me impuseram esta reflexão que aqui apresento. A ela há que prestar atenção não apenas porque o assunto é importante mas porque nela estão já interpretações e proposições que uma análise feminista, do meu ponto de vista, não se pode esquivar.

O acto físico de falar e ouvir faz parte do acto de conhecer, avaliar e criar a memória do conhecimento. Falar da terra, da família, das filhas e dos filhos, do poder e da falta dele, das tragédias e dos sonhos é já conhecimento. Falar é também a realização da paz e é um acto de exorcismo das angústias que a vida traz. Este valor performativo da palavra dita e ouvida é fundamental para melhor se captar o dinamismo conceptual de uma sociedade como a timorense e a

potencial rebeldia das falas das mulheres (Padilha, 2002: 221). As conversas que mantive com as mulheres e, alguns homens, são acerca das suas memórias de vida, são a produção de textos autorais (Santos, 2000: 72-73; McClintock, 1995: 300-301) e são, com certeza, interpretações do que aconteceu e acontece nas suas vidas e no seu país.

Ao longo do trabalho realizado com estas senhoras fui consolidando a ideia de que as memórias sobre a guerra estão a produzir guerras de memória. Em Dili fala-se muito da guerra e no seu contra-ponto político que é a paz e a segurança. Os discursos sobre a guerra são autorreflexivos pronunciados em nome próprio não deixando margem para dúvidas sobre quem deve pronunciar a experiência das brutalidades que as guerras representam.

Na altura Rosalina Dias tinha pouco mais de dez anos de idade e a guerra transformou-a nessa caixa de segredos que ela interpreta como a tortura que esta lhe infligiu e a persegue desde a infância.

Eu era como aquela caixa sobre os segredos deles. Quando ia com a minha mãe visitar o meu pai e a minha mãe era torturada, assim abusada ou, ou humilhada e torturada, ela: olha, não conta e vais lá e dizes para o teu pai com calma e não dizes nada e dizes, olha, a mãe não veio porque está a sentir-se um bocado maldispota e não veio porque o teu, o Serafim está doente, que era o meu irmão mais novo, está doente. Então eu ia e mentia. E por outro lado, quando chegava e apanhava o meu pai a ser interrogado, ele, o meu pai: não, chegas lá e não podes dizer nada à tua mãe, que eu estou bem, que eu fui interrogado e que fizeram isso para mim. Então eu disse que está tudo bem. [...] eu chegava a casa a minha mãe perguntava: ah, o pai está bem.

[...] Eu guardei tudo isto durante treze anos, sem falar, sem dizer a ninguém. Então, eu cheguei a uma altura, chegou a uma altura em que eu já não, em 92, eu não sabia se estava quase completamente fora de mim.

Maria de Fátima Guterres também fala sobre momentos dramáticos que a guerra lhe impôs e que a sua subjectividade preserva e reinterpreta. A repetição retórica da sua memória actualiza, permanentemente, tanto o sofrimento como a valentia tão necessárias à história e ao presente do seu país:

Por volta das 14 horas, fomos assaltados, abriu-se um fogo cruzado e tentámos fugir o mais rápido possível. Estávamos cercados por dois anéis, conseguimos furar o primeiro, mas havia outro anel por fora. Depois, enquanto os outros homens continuavam a fugir, o meu marido decidiu responder aos disparos e ficámos para trás. Tínhamos combinado que as duas últimas balas seriam para nós mas, naquele momento, ele não tinha coragem e despedimo-nos enquanto aguardávamos a nossa sorte. Ele continuou a lutar até que, de repente, caiu arrastando-me com ele. Naquele momento, pensei que fosse para rastejar e fugir das balas mas quando olhei para ele vi que tinha sido atingido. Chamei-o e ele ainda me respondeu, mas eu percebi que ele estava a morrer ali. Perante aquilo, peguei na arma para me

suicidar mas desisti a tempo e deitei-me no chão. Comecei a ver o cerco bem perto de mim, enquanto via as balas passarem em fogo cruzado.

Mais tarde, já prisioneira, ela continua a narrar a sua memória da guerra:

[...] Mas, ainda assim, nós sabíamos que tínhamos que cumprir a lei da violação e, todos os dias, cada mulher prisioneira casada, viúva ou solteira, recebia, obrigatoriamente, cinco a seis militares para satisfazerem os seus desejos carnavais, até ao ponto de deixarmos de sentir o corpo como nosso.

[...] De repente, abriram a porta do helicóptero e empurraram a Soe Mali para fora. Voltámos a subir e ela ficou lá, enquanto sobrevoávamos a zona. Depois de umas voltas, voltámos ao local, o helicóptero baixou novamente, e eu vi a minha companheira de luta, já sem vida, deitada no chão, a ser violada pelos carrascos militares. Aquela cena marcou-me de uma forma traumática e parecia-me quase irreal.

Em Timor-Leste a passagem das mulheres pela guerra na guerrilha, na frente clandestina ou na frente diplomática tem vindo a produzir efeitos contraditórios que variam entre o reconhecimento público e o esquecimento. No entanto, as mulheres insistem em manter viva a memória da sua contribuição durante guerra e algumas usam as suas próprias histórias como argumentos de legitimidade e autoridade assim como alavancas para o acesso e exercício de altos cargos na Nação como é o caso das duas senhoras citadas em seguida. A existência de uma Comissão de Acolhimento Verdade e Reconciliação – CAVR – que atuou no país entre o ano de 2001 e a publicação do seu relatório em 2005<sup>2</sup>, é, com certeza, um contributo muito importante para que falar e narrar esta memória seja tido possível e interpretada como um contributo crítico para a consolidação da Nação.

São comuns e regulares encontros de mulheres nos quais os homens são convidados atentos. Nestas celebrações de memória dizem-se e partilham-se as experiências da guerra com testemunhos, poemas, canções e onde governantes e líderes locais são parte do ritual de pronunciamento e actualização da memória pela palavra. São as *lia nain feto* – senhoras da palavra<sup>3</sup> - contrariando a tradição de que a palavra é um atributo dos homens. A título de exemplo, chamo à atenção os títulos dados a este tipo de encontros públicos que mostram a intencionalidade de não deixar esquecer e, ao mesmo tempo, querer falar em nome próprio:

*Haré ba feto nia kontribuisaun husi luta ba ukun rasik an to'o agora no ba futuru mai ita hotu hametin koesaun sosial, estabilidade ba desenvolvimentu.*

---

<sup>2</sup> Ver CAVR (2005).

<sup>3</sup> A este respeito ler a obra de Daniel Simião de 2005: *As donas da palavra. Género, justiça e a invenção da violência doméstica em Timor-Leste*.

Olhem [deem atenção] para a contribuição das mulheres para a luta, a independência, agora e no futuro para termos todos uma coesão social consolidada e estabilidade para o desenvolvimento.

Outra das formas é a poesia escrita e dita pelas senhoras e ouvida por toda a comunidade como a seguinte escrita por Filomena Reis escolhida para liderar um projecto governamental de reconciliação e foi uma das organizadoras de uma conferência internacional sobre mulheres e paz onde se reuniram 1500 activistas de todo o mundo.

Mulheres de Timor-Leste  
Quem diz que vocês não têm valor?  
Quem diz que vocês não são corajosas?  
Quem diz que vocês são estúpidas?  
Eu sei que vocês são valiosas  
Eu sei que vocês são corajosas  
Eu sei que vocês não são estúpidas  
Eu sei que vocês não são estúpidas  
Vocês sabem falar e escrever!  
Hei mulheres de Timor-Leste  
Levantem-se e caminhem  
Caminhem firme  
Lutem pelos vossos direitos  
Lutem pela vossa dignidade  
Levantem-se e defendam a vossa terra  
Levantem-se e defendam o vosso café  
O cheiro do sândalo  
Tudo o que a vossa terra tem  
É para os vossos filhos e netos.

Para terminar, trago as palavras de Cipriana Pereira que foi uma jovem cuja experiência política e da guerra lhe atribuiu a legitimidade para exercer o cargo de deputada no parlamento nacional. Ela conta a sua experiência reiterando a preocupação em manter viva esta memória indo buscar a sua autoridade à sua própria experiência:

Quando eu estive nas montanhas, integrei-me na organização de mulheres. Foi o início do meu trabalho, e tinha 15 anos nessa altura. [...] Depois de conseguir o trabalho, pensei de participar na rede clandestina e consegui estabelecer a ligação com o comandante Rodak e laborei os serviços clandestinos com ele. [...] É tudo isso que me motivou para continuar a lutar e levar ao alto o papel das mulheres e é muito importante. Para mim estas mulheres também são heroínas. Eu quero uma história das mulheres desde o ano de 75, desde a fase da resistência até a fase de referendo, para que um dia as pessoas possam lembrar a luta das mulheres daquela fase da luta, se não um dia as pessoas só se lembravam daquelas que morreram em 75 e aquelas que morreram depois deste ano já não se lembravam, e assim um dia jamais ninguém lembrava os seus nomes.

Muitos destes discursos passam tanto pelo alinhamento das palavras como por imagens criadas e consentidas. Eles são também uma narração das memórias e dos sofrimentos que se tornam pronunciáveis ou incontornáveis. As diversas textualidades narrativas estão a revelar disputas retóricas que têm as suas razões de ser na controversa relação entre nação, feminilidades e masculinidades. Uma dessas disputas pode ser enunciada da seguinte maneira: quem está a prevalecer no discurso e na memória pública (Halbwachs, 2011) sobre o momento primordial, ou seja, a independência política que se associa a constituição do estado-nação: as mulheres vítimas ou as mulheres valentes de Timor-Leste? A segunda disputa que está em marcha é saber se a valentia das mulheres, para que exista e resista nas memórias coletivas, tem que ser, também ela, viril e narcisista como é a dos seus heróis masculinos? Esta disputa sobre a forma e o conteúdo dos marcadores identitários dos nacionalismos modernos está a ocorrer e precisa de ser estudada. Para finalizar este texto proponho-me levantar algumas questões, formular alguns problemas e levar a cabo uma indagação que terá que ser continuada e aprofundada.

Com intensidades e texturas diferentes existem e predominam longos repertórios sobre a vitimização das mulheres durante e após a guerra em Timor-Leste. Podemos com alguma facilidade aceder aos extensos acervos documentais, retóricos, reflexivos e de memória que têm vindo a elaborar as imagens e os perfis das mulheres vítimas, sofredoras, sobrecarregadas, ignoradas e negligenciadas. Toda essa informação está disponível em relatórios, estudos e também nos discursos das próprias mulheres. No entanto, toda essa imensa e trágica realidade documentada e acessível é apenas uma parte da memória, das experiências e das reflexões que as realidades proporcionam às subjectividades confrontadoras e críticas de muitas mulheres.

O sofrimento e a vitimização que as guerras infligem e, sobretudo as narrativas dominantes sobre elas, tem escondido e negligenciado as suas valentias. A obliteração das valentias das mulheres, ainda que esta seja indissociável do seu sofrimento, é o cerne das guerras de memória pois não só esconde uma parte importante da realidade das guerras e das mulheres como mitiga e desperdiça, drasticamente, formas, métodos e conteúdos de que a valentia pode ser feita. Retomar os discursos diretos é uma forma de abrir espaço a outros sentidos para que se instalem e extravasem a reflexão, análise e teorias feministas. Começo por aquilo que algumas senhoras dizem da sua e da valentia das outras. Algumas são líderes políticas e religiosas pertencentes à elite da capital mas nem sempre estiveram nesta posição. Em grande medida foi a sua experiência da guerra e a sua reconhecida valentia que lhes permite, hoje em dia, serem ouvidas, mobilizadoras de ideias e projetos e formadoras de opinião. Fátima Gomes, bispa de uma igreja evangélica - afirma que

Alguns homens vieram falar comigo para tentar continuar a viver com a memória de terem aberto as barrigas das mulheres para tirarem de dentro dos úteros as crianças e matá-los contra pedras ou estrangulando mãe e filho. Também contam como mataram homens e jovens inocentes estrangulando-os depois de os ferirem de catana. Só uma mulher pode ouvir estas coisas sem ficar a odiar e sem perder, de novo e logo, a cabeça.

Guilhermina Marçal – madre superiora de uma congregação católica – sublinha outro aspecto da valentia da qual destaca a sabedoria e inteligência que lhe estão associadas:

Durante a ocupação por exemplo as mães as irmãs aquelas que enfrentam todas problemas com os militares, as mulheres primeiro são sábias, inteligentes e sábias por exemplo ela tem uma tática para, para salvar, salvaguardar o seu marido os filhos ou sobrinhos ou os vizinhos, então procura fazer uma tática de tal maneira que pode convencer o militar indonésio, mesmo que com a espingarda apontada na cabeça mas a mulher timorense não tinha medo de dizer não ou dizer sim aos, aos militares, mesmo ameaçada então a mulher timorense tem a tática de esconder o seu marido os seus filhos, os seus sobrinhos pessoas jovens em todos lugares, por exemplo mudança de casas, hoje o marido dorme aqui amanhã dorme noutro lado, noutro, noutra casa, os indonésios não conseguem descobrir a tática da mulher timorense, isso é uma estratégia da força divina que manifesta na pessoa da mulher timorense, e não tinham medo.

A senhora Maria Barreto – dirigente de uma associação de mulheres - distingue nas mulheres uma valentia apoiada naquilo a que chama uma estratégia fria, capaz de enfrentar de outra maneira e com outras consequências, as situações mais difíceis:

Na maioria das vezes, os homens que ocupam cargos de segurança ou do tipo, quando estão irritados resolvem problemas directamente com as forças, enquanto as mulheres, pelo contrário, elas não resolvem as confusões com confusões, elas preferem arranjar uma boa estratégia fria as mulheres pensam duas vezes antes de reagir. É esta a questão, e muitas vezes não tem consideração ou não dão valor a este tipo de resolução.

A subalternidade persistente destas versões de valentia que incluem amor, atenção, cuidado, persistência, arrojo, sofrimento, gritos e silêncio e a sua irrelevância formal para o discurso dominante sobre o poder de resistir à dominação, à agressão, à ocupação não as faz inexistir totalmente mas diminui dramaticamente o potencial epistemológico que as constitui. Considerá-las impertinentes é uma forma de silenciamento é, sobretudo, uma visão abissal (Santos, 2009) e sexista sobre os conhecimentos, tecnologias e contingentes de racionalidades que estão no mundo para favorecer a justiça cognitiva e as pazes (Pureza e Cravo, 2005; Moura, 2010; Cunha, 2006) necessárias a uma sociologia feminista crítica e pós-abissal.

A agência das racionalidades porém vai muito mais longe e desafia tanto o *status quo* como a pretensão de haver completado qualquer narrativa nacional ainda que esteja preenchida de

valentias mais ou menos conformes com as mitobiografias dos seus chamados heróis. A narração entregue a estas subjectividades muda o ponto de vista, mas também muda o ponto de chegada sobre guerras, sofrimentos, valentias e memórias.

A impossibilidade de uma só versão ou de uma só narração é evidente na estratégia discursiva destas senhoras. Estas subjectividades criadoras ainda não resolveram o problema da sua subalternização nem abordam toda a complexidade do social envolvida nele. Todavia elas fazem-me perceber que, longe de se pensarem a si mesmas como inferiores, menores ou incapazes elas descrevem-se a si e às outras como centralidades, batimentos cardíacos e vitalidade cerebral das suas sociedades e por isso valentes ainda que vítimas de muitos sofrimentos.

## **Conclusão**

Procurei neste texto contribuir para o debate acerca de alguns aspectos daquilo que designo ser uma disputa retórica da memória das guerras e das guerras de memória. Trata-se de discutir se a valentia das mulheres tem que ser viril e narcisista para que se possa levar a sério e se, a heroicidade guerreira viril é o único ponto de partida e de chegada da fundação nacionalista.

As epistemologias feministas que se preocupam com a violência e a sua deslegitimação social e cultural construídas a partir das experiências das mulheres do sul e pelas mulheres no sul têm-se constituído como uma crítica pertinaz, por exemplo, ao receituário dominante sobre as guerras, as transições pós-bélicas, os nacionalismos e a construção dos novos estados independentes. Sem essencializar o papel das mulheres, estas subjectividades e racionalidades em acção são um terreno epistemológico de interesse notável para um pensamento crítico, feminista e pós-colonial.

## **Referências Bibliográficas**

ALLY, S., [2001]. *Peaceful memories: remembering and forgetting political violence in Kanyane, South Africa*. Africa, 81(3), p. 351-372.

ANDERSON, B., [2005]. *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70.

CASIMIRO, I., [2004]. *Paz na terra, guerra em casa: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique*. Maputo: Promédia.

CHIZIANE, P., [2002]. *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa: Editorial Caminho.

CHOW, E. N.-L.; LYTER, D., [2002]. *Studying development with gender perspectives: from mainstream theories to alternative frameworks*. In: CHOW, Esther Ngan-Ling (Org.). *Transforming gender and development in East Asia*. London: Routledge, p. 25-57.

CUNHA, T., [2006]. *Vozes das mulheres de Timor-Leste*. Porto: Afrontamento.

CUNHA, T., [2011]. *Para além de um índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial das estratégias de autoridade e poder das mulheres e Moçambique e Timor-Leste*. Dissertação de Doutoramento, Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

CUNHA, T., [2014]. *Never Trust Cinderella! Feminismos, Pós-colonialismos, Moçambique e Timor-Leste*. Coimbra: Edições Almedina.

CUNHA, T., [2015]. *Women inPower Women: outras economias geradas e lideradas por mulheres no Sul não-imperial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.

CAVR - Comissão de Acolhimento Verdade e Reconciliação, [2005]. *Chega! Relatório da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação (CAVR) de Timor-Leste*. Resumo Executivo. [s.l.]: CAVR.

DUSSEL, E., [2000]. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Editora Vozes.

GANDHI, L., [1998]. *Postcolonial theory. A critical introduction*. New York: Columbia University Press.

GAPI, [2002]. *Relatório do gabinete da Assessora para a promoção da igualdade*. Dili.

HALBWACHS, M., [2011]. *From the collective Memory*. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY, Vered; LEVY, Daniel (Orgs.). *The Collective Memory Reader*. Oxford: University Press, p. 139-149.

KHATIBI, A., [2001]. *Maghreb plural*. In: MIGNOLO, Walter (Org.). *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: el eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.

LAZREG, M., [2005]. *Decolonizing feminism*. In: OYEWÙMÍ, Oyèrónké (Org.). *African gender studies: a reader*. New York: Palgrave Macmillan, p. 66-80.

MACUACUA, L., [2002]. *O AGP Dez Anos Depois: Novos Desafios para Moçambique*. Estudos Moçambicanos, 20, Novembro, p. 5-18.

MANGHEZI, A., [2003]. *Macassane: uma cooperativa de mulheres velhas no sul de Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

MCCLINTOCK, A., [1995]. *Imperial leather. Race, gender and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge.

MCFADDEN, P., [2000]. *Radically speaking: the significance of the women's movement for Southern Africa*. [em linha]. Women's World: Women's African Voices. Disponível em <[http://www.wworld.org/programs/regions/africa/patricia\\_mcfadden3.htm](http://www.wworld.org/programs/regions/africa/patricia_mcfadden3.htm)>, acesso em 05 de Abr. 2012.

MOURA, T., [2010]. *Novíssimas guerras. Espaços, identidades e espirais de violência armada*. Coimbra: Edições Almedina.

NORA, P., [2011]. *Reasons for the current upsurge in Memory*. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY, Vered; LEVY, Daniel (Orgs.). *The Collective Memory Reader*. Oxford: University Press, p. 437-441.

PADILHA, L. C., [2002]. *Novos pactos, outras ficções*. Ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS.

PUREZA, J. M.; CRAVO, T., [2005]. *Margem crítica e legitimação nos estudos para a paz*. [em linha]. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 71, p. 5-19. Disponível em <[http://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=882&id\\_lingua=1](http://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=882&id_lingua=1)>, acesso em 05 de Abr. 2012.

ROBISON, G., [2003]. *East Timor 1999. Crimes against humanity*. A report commissioned By the United Nations Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR). Dili & Jakarta: Halk Association & ELSAM.

SANTOS, B. S., [2000]. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento.

SANTOS, B. S., [2004]. *Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e outro*. [em linha]. In: Conferência de abertura do VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais. Coimbra: CES, 2004. Disponível em <[http://www.ces.uc.pt/misc/Do\\_pos-moderno\\_ao\\_pos-colonial.pdf](http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf)>, acesso em 20 de Mar. 2007.

SANTOS, B. S.; MENESES, P., (Orgs.), [2009]. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.

SERRA, C., [2003]. *Em cima de uma lâmina*. Maputo: Imprensa Universitária Universidade Eduardo Mondlane.

SILVA, K., [2008]. *Reciprocity, recognition and suffering*. Political mobilizers in Independent East Timor. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, 5(2) p.152- 178.

SILVA, T., [2003]. *Violência doméstica: factos e discursos*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; TRINDADE, João Carlos (Orgs.). *Conflito e transformação social: uma paisagem das justiças em Moçambique*. Afrontamento, vol. II, p. 143-164.

STOLER, A. L., [2002]. *Carnal knowledge and imperial power: race and the intimate in colonial rule*. Berkeley: University of California Press.

TZVETAN, T., [1990]. *A conquista da América: a questão do outro*. Lisboa: Litoral Edições.

WIREDU, K., [2003]. *L'ancrage de la pensée africaine et les conditions du dialogue interculturel*.  
Revue Alternatives Sud: Pour une pensée africaine émancipatrice, 10(4), p. 49-60.

YUVAL-DAVIS, N., [1997]. *Gender & nation*. London: SAGE Publications.